

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Transferências internas de cativos em Mariana: 1861-1886

Camila Carolina Flausino
Mestranda em História - UFJF

1- Introdução

As medidas referentes à proibição do tráfico atlântico africano para o Brasil fizeram com que o preço dos cativos se elevasse consideravelmente, mas como havia demanda por mão-de-obra escrava, principalmente nas áreas de implantação e expansão da lavoura cafeeira, os fazendeiros com condições financeiras privilegiadas recorreram ao mercado interno. Enquanto o tráfico atlântico de escravos estava na legalidade, o Brasil recebeu um número expressivo de cativos que, após 1850, foram transferidos, via tráfico interno, para as novas atividades produtivas. Era o começo da intensificação dessa nova fase de transferência de escravos, agora interno, praticado entre províncias diferentes (interprovincial) e mesmo dentro dos limites dos municípios (intramunicipal), destinado a atender a demanda por braço escravo e, em certa medida, contribuir para prolongar o regime escravista nessas regiões.

As províncias do Norte do Brasil, em crise devido ao declínio na produção açucareira e às secas prolongadas, foram as primeiras a enviarem um grande número de seus cativos para a região Centro - Sul, especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Ao que tudo indica, Minas dependeu menos dos escravos nordestinos que, por exemplo, o Rio de Janeiro e São Paulo.¹ É possível que a explicação esteja no fato de Minas possuir uma maior quantidade de mão-de-obra cativa que as demais províncias, mão-de-obra essa acumulada ao longo dos anos de escravidão através de importações como quer Martins ou crescimento natural positivo como querem Luna e Cano². De fato, a

¹ COSTA: 1989, p. 95.

² Para o debate sobre a origem do aumento da população escrava na província de Minas Gerais no século XIX, ver: MARTINS: 1982. LUNA & CANO: 1983.

província de Minas chegou ao término do regime escravista brasileiro com o maior plantel escravo do Império.

O tráfico interno de escravos é um tema ainda pouco descrito na historiografia brasileira, consequentemente, evidencia-se uma carência de trabalhos de caráter local que é, sem dúvida, de fundamental importância na medida em que tornam as formulações gerais hipóteses a serem verificadas localmente, com bases empíricas mais sólidas. Daí nosso interesse no município de Mariana, antigo centro minerador pertencente à sub-região Metalúrgica – Mantiqueira que continuou demandando braços escravos ao longo da segunda metade do século XIX, na tentativa de compreender a dinâmica do tráfico interno nessa região.

A escravidão teve importância fundamental para a região por nós estudada até as vésperas da abolição. Através da análise das listas nominativas da região, Libby estimou que 26,81% dos escravos da província em 1850 concentravam-se na região Metalúrgica – Mantiqueira³. Já em estudos a partir do censo de 1872, Martins calculou que 24,9% dos escravos da província estavam presentes nessa mesma região, enquanto que 23,9% na região sul e 19,3% na Zona da Mata, denotando que a região do antigo centro minerador detinha o maior número de cativos da província, número que só veio a decair nos anos 1880 (19,5% para o ano de 1880 e 17,3% para os anos de 1884 e 1886) província⁴.

Preocupamo-nos, sobretudo, em identificar as localidades de destino desses escravos a partir da informação do local de residência dos vendedores e compradores. Dessa forma, será possível verificarmos se houve permanência desses cativos na região de Mariana, o que denotaria um certo grau de dinamismo econômico.

Foram analisados os 5 livros de registros de Compra e Venda de escravos do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana (ACSM), 1º e 2º ofício, que cobrem o período de 1861 a 1886, com exceção apenas para o ano de 1868, ano que não houve nenhum registro. Computamos 162 registros que envolveram 325 escravos, sendo 188 do sexo masculino e 137 do sexo feminino, sendo que grande parte das escrituras envolveu a negociação de um único escravo: 102 casos (62,9%).

³ LIBBY: 1988, p.47.

⁴ MARTINS: 1982, p.31.

2- O tráfico interno em Mariana

Tabela 1- Distribuição dos escravos segundo faixas etárias e sexo

Faixas etárias	Homens*		Mulheres**	
	nºs. abs.	%	nºs. abs.	%
< 10	28	15,2	17	12,5
10-19	46	25,0	37	27,2
20-29	48	26,1	39	28,7
30-39	29	15,8	27	19,8
40-49	19	10,3	14	10,3
50 e +	14	7,6	2	1,5
Total	184	100,0	136	100,0

Fonte: Registros de compra e venda de escravos (ACSM). Todos os dados que compões as tabelas a seguir foram extraídos da mesma fonte.

nºs. abs. = números absolutos.

* Excluímos 4 homens por não constar a idade.

** Excluímos 1 mulher por não constar a idade.

Na tabela 1, apresentamos a distribuição dos escravos negociados segundo o sexo e a faixa etária. A preferência por escravos homens é evidente. Notamos também que a faixa etária que mais concentrava as negociações se dava entre os cativos de 20 a 29 anos para ambos os sexos, sendo de 26,1% para os homens e 28,7% para as mulheres, ou seja, havia preferência por escravos em idade produtiva, preferencialmente de homens, assim como ocorreu durante o período em que o tráfico atlântico esteve na legalidade. De modo geral, observamos que maioria dos escravos encontrava-se em idade produtiva e não se tratava de uma população 'envelhecida'; quase metade das negociações estava nas faixas etárias entre 20 e 39 anos: 41,9% para os homens e 48,5% para as mulheres.

Tabela 2- Nacionalidade dos escravos segundo o sexo

Nacionalidade	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Crioulo	103	88	191
Africano	16	8	24
Total	119	96	215*

*Excluímos 110 casos que não constava informação sobre nacionalidade dos escravos.

Quanto à nacionalidade dos escravos negociados (tabela 2), encontramos o maior número de crioulos: 191 (88,8%), sendo 103 homens e 88 mulheres, enquanto que apenas 24 (11,2%) escravos foram designados com o termo ‘africano’, sendo 16 homens e 8 mulheres. O predomínio de crioulos em detrimento do número de africanos já era esperado devido à supressão do tráfico atlântico que impedia a renovação do plantel africano, denotando um possível envelhecimento dos cativos africanos que se tornavam cada vez menos disponíveis no mercado e, possivelmente, que a reprodução interna fosse importante no interior dos plantéis no sentido de assegurar mão-de-obra escrava, haja vista a presença de cativos com até 10 anos (tabela 1) sendo negociados.

*Tabela 3- Preços médios (em libras) de escravos segundo sexo, faixa etária e período da transação**

Faixas		1861-1869		1870-1879		1880-1886	
Etárias	nºs. abs.	Preço médio		nºs. abs.	Preço médio	nºs. abs.	Preço médio
Homens							
		(£)			(£)		(£)
< 10	9	68,23	7		51,87	-	-
10-14	12	136,37	7		91,1	1	92,31
15-19	11	163,64	5		139,36	5	100,48
20-29	14	174,26	17		148,26	7	121,28
30-39	4	117,92	10		136,89	6	88
40-49	8	121,16	6		90,77	2	78,3
50 e +	4	59,5	2		105,05	3	56,07
Total	62	125,15	54		117,44	24	95,69

Faixas		1861-1869		1870-1879		1880-1886	
Etárias	nºs. abs.	Preço médio		nºs. abs.	Preço médio	nºs. abs.	Preço médio
Mulheres							
		(£)			(£)		(£)
< 10	2	78,2	5		52,2	-	-
10-14	6	109,17	6		66,83	1	35,2
15-19	12	143,07	12		83,37	3	54,2
20-29	10	153,84	13		104,21	2	68,9
30-39	11	117,47	6		87,08	3	47,87
40-49	6	91,1	2		94,2	1	35,2
50 e +	-	-	1		25,78	1	26,37
Total	47	107,38	45		83,42	11	49,16

* Estamos considerando apenas os escravos com idade e preço individual declarados.

No que se refere aos preços dos escravos (tabela 3), podemos observar que, durante todo o período analisado, o preço dos homens foi maior que o das mulheres (na década de 1860, os preços dos homens foram em média 14,2% maiores que o das mulheres; na década de 1870, 28,9%, e nos anos de 1881 a 1886, os homens custavam, em média, 48,6% mais que as mulheres). Essa constatação confirma uma assertiva da historiografia de que o sexo era uma variável fundamental na determinação dos preços dos cativos.

Comparando as faixas etárias, percebemos que, em média, os escravos, tanto do sexo masculino quanto feminino, eram mais caros entre as faixas de 15 a 39 anos (idade considerada produtiva). Nessas faixas também houve maior incidência de transações. Ademais, os preços entre os anos de 1861 a 1869, foram maiores que os observados no período de 1870 a 1879 - embora tenham sido negociados mais escravos nesta última década (154 cativos contra 126 na década de 1860) - contrariando o que normalmente é observado nos estudos para outras localidades, onde os preços tenderam serem mais elevados na década de 1870.

Na faixa de 20-29 anos foram encontrados os preços mais elevados ao longo das décadas, tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, a média de preços dos homens foi sempre maior que a das mulheres. Os preços médios das mulheres só superaram os dos homens nas décadas de 1860 e 1870 na faixa correspondente a escravos com menos de 10 anos (1860) e de 40-49 anos na década de 1870, ou seja, nas faixas etárias que o mercado tinha pouco interesse. Dessa forma, podemos perceber que o sexo é uma variável importante na determinação dos preços no mercado de cativos, como à época do tráfico atlântico.

Tabela 4- Participação de vendedores e compradores segundo sexo e local de residência

Local de Residência	Vendedores*			Compradores*		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Da própria localidade	65	9	74	54	2	56
Freguesias e distritos da localidade ¹	32	7	39	35	-	35
Cidades da Metalúrgica-Mantiqueira ²	18	1	19	23	-	23
Cidades da Zona da Mata	11	2	13	22	-	22
Outras cidades de Minas Gerais	8	-	8	7	-	7
Cidades de outras províncias	1	-	1	3	-	3
Indeterminada	2	1	3	3	-	3
Total	137	20	157**	147	2	149**

¹ Não considerando a localidade (município de Mariana e o distrito de Passagem).

² Não considerando a localidade e seus distritos e freguesias.

*Os totais de vendedores e compradores divergem em decorrência de que havia transações que envolveram mais de um vendedor e/ ou comprador.

** Excluímos 12 casos sobre os quais não constavam o local de residência do vendedor e 13 casos em que não havia informação para o local de residência do comprador e 1 caso por se tratar de uma firma.

Buscando uma saída para o problema dos sobressaltos dos desmembramentos ocorridos no território estudado, trabalharemos com as únicas freguesias que fizeram parte do município de Mariana ao longo de todo o período de nossa pesquisa, tendo como referência as localidades presentes em nossa fonte primária e bibliografia sobre o assunto.⁵ Para a construção da tabela 4 acima, estamos considerando as seguintes localidades:

1- Nossa Senhora da Assunção da Catedral ou Sé de Mariana, sede do município, incluindo o distrito de Passagem (na tabela 4 aparecem como 'Da própria localidade');

⁵ BARBOSA: 1971. O autor faz um histórico de inúmeras localidades mineiras, dentre elas a de Mariana, desde suas origens passando por suas emancipações. Confrontamos estes dados ainda com os estudos de HALFELD & TSCHUDI: 1998, p. 142-143. Cabe ressaltar que não dispomos maiores informações ou trabalhos publicados sobre os desmembramentos territoriais do Termo de Mariana.

2- Nossa Senhora da Conceição de Camargos (e os *demais* abaixo estão sendo considerados na tabela 4 como *Freguesias de Mariana*);

- 3- Nossa Senhora de Nazaré do Infecionado;
- 4- Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro;
- 5- Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado;
- 6- São Caetano do Rio Abaixo;
- 7- Senhor Bom Jesus do Monte do Furquim;
- 8- Paulo Moreira;
- 9- Nossa Senhora da Saúde;
- 10- Barra Longa;
- 11- São Caetano.

A análise da tabela 4 acima se torna fundamental para nosso estudo. Através da informação do local de residência de vendedores e compradores, foi possível verificar o destino das migrações forçadas, via tráfico interno, em Mariana, entre os anos de 1861-1886. Vale ressaltar que não estamos desconsiderando as transações em que um mesmo vendedor ou comprador aparecem envolvidos em mais de uma transação.

Das 157 escrituras que constam local de residência dos vendedores, 74 (47,1%) referiam-se a vendedores residentes em Mariana. Se acrescentarmos os dados dos moradores das freguesias e distritos de Mariana (24,8%), esse número aumenta para 113, ou seja, 71,9% das transações foram feitas por moradores da própria região de Mariana. Os vendedores residentes em outras cidades da área Metalúrgica -Mantiqueira somam 12,1% do total, seguido pelos residentes em cidades da zona da Mata (8,3%). Uma parcela diminuta residia em outras cidades de Minas (5,1%), e ainda menor eram os vendedores de outras províncias (0,6%). Dessa forma, podemos perceber que a maioria dos vendedores residia em Mariana ou em municípios vizinhos.

No que se refere ao local de residência dos compradores, a maioria refere-se à própria localidade, 56 casos (37,6%) e a seus distritos e freguesias, 35 casos (23,5%). Os compradores residentes em outras cidades da área Metalúrgica -Mantiqueira somam 15,43% (23 casos). Compradores das cidades da zona da Mata somaram 22 casos (14,8%), seguidos pelos residentes em outras cidades de Minas, 7 casos (4,7%) e dos residentes em outras províncias, 3 casos (2,0%). Se somarmos os compradores que residiam no município de Mariana e os que residiam nas freguesias e distritos de Mariana, temos um total de 91 casos, ou seja, 61,1%, o que nos permite afastar a hipótese de que

estivesse havendo transferências de escravos dessa região para outras com economia mais dinâmica, como a zona da Mata - região onde se desenvolvia e expandia a cafeicultura na segunda metade do século XIX -, que contribuiu com apenas 14,8% das compras feitas no mercado de escravos marianense.

As evidências que apontamos, mostram que a região de Mariana estaria mantendo sua mão-de-obra escrava e que o comércio de cativos estava reduzido, em sua maioria, dentro das fronteiras de sua região (tráfico intramunicipal). Longe de estar enviando seus escravos para outras localidades da província mineira, e mesmo para outras províncias, essa antiga área mineradora de Mariana, estava mantendo seus escravos. Tal fato não seria possível se a economia dessas regiões estivesse estagnada ou decadente, pois se havia demanda por cativos, isto acontecia porque a economia regional os estava solicitando, provavelmente para serem empregados nas atividades de agricultura que se expandiam.

Não foi possível encontrarmos evidências de que a região de Mariana estivesse atraindo escravos de outras províncias ou mesmo de outros municípios mais distantes da província, uma vez que as negociações ficaram restritas ao comércio intramunicipal.

3- Bibliografia

- ALMEIDA, Carla Maria C. de. *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana - 1750-1850*. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal Fluminense. 1994.
- ANDRADE, Rômulo. "Havia um mercado de famílias escravas? (A propósito de uma hipótese recente na historiografia da escravidão)". In: *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora: UFJF, 4(1): 93-104, 1998.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Satepb, 1971
- CANO, Wilson. & LUNA, Francisco Vidal. "A reprodução natural dos escravos em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese". *Cadernos IFCH-UNICAMP*, 10: 1-14, nov. 1982.
- CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1500-1888*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala á colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COSTA, Dora Isabel Paiva da. "Demografia e economia numa região distante dos centros dinâmicos: uma contribuição sobre a escravidão em unidades exportadoras e não-

- exportadoras" .In: *Estudos Econômicos*. São Paulo: IPE/USP, 26 (1): 111-136, jan./abr.1996.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1967.
- GORENDER, Jacob. *Escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1988.
- HALFELD, Henrique Guilherme Fernando & TSCHUDI, Johann Jakob Von. *A província brasileira de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MACHADO, Cláudio Heleno. *Tráfico interno de escravos na região de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. In: X Seminário de Economia Mineira. Diamantina, 2002.
- MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista da Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/ UFMG, 1982. (Texto para Discussão, 10).
- MARTINS, Maria C. Salazar, LIMA, Maurício A. de Castro & SILVA, Helenice C. Cruz da. População de Minas Gerais na segunda metade do século XIX: novas evidências. In: X Encontro sobre a economia mineira Diamantina, junho de 2002.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PARREIRA, Nilce Rodrigues. *Comércio de homens em Ouro Preto no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1990. (mimeografado).
- PRADO JUNIOR, Caio. *Formação econômica do Brasil contemporâneo: colônia*. 18.Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil*. 8.ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- SILVA, Ana Rosa Cloplet da. Tráfico interprovincial de escravos e seus impactos na concentração da população na província de São Paulo: século XIX. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais da ABEP*. Brasília: 1992. V. 1, p.341-366.
- SLENES, Robert W. "Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX". In: *Estudos Econômicos*. São Paulo, v.18(3): 449- 495, set. /dez. 1998.
- _____. Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888. In: COSTA, Iraci del Nero da. (org.), *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, p. 103-155, 1986.
- TEIXEIRA, Heloísa Maria. *Reprodução e famílias escravas de Mariana: 1850-1888*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2001.